

Psicopatologia Fundamental: por uma compreensão despatologizante da diversidade sexual

*Fundamental Psychopathology: for a
despatologizing understanding of
sexual diversity*

João Paulo Zerbinati, Maria Alves de Toledo Bruns

Resumo

Este trabalho tem como propósito discutir um campo do saber para compreensão e investigação da diversidade de sexo e gênero que não os tome simplesmente como doença, mas possa compreender o sofrimento envolvido. Proposta desafiadora, mas necessária para avançar rumo a uma compreensão integral do sujeito contemporâneo que não negligencie a dimensão humana do seu pathos. Neste sentido, recorreremos à Psicopatologia Fundamental, campo de pesquisa intercientífico iniciado por Pierre Fédida, na Universidade de Paris 7, que investe na interlocução de múltiplas posições do saber para a compreensão da experiência do pathos tal como o seu significado original, sua raiz etimológica e tradição grega: paixão e sofrimento. A Psicopatologia Fundamental de orientação psicanalítica vai ao encontro da necessidade de se pensar propostas de investigação que sejam potentes à análise e compreensão da sexualidade além de uma compreensão patológica, naturalizante e reducionista.

Palavras-chave

Sexualidade, diversidade sexual, psicopatologia fundamental.

Abstract

This paper aims to discuss a field of knowledge for understanding and investigating sex and gender diversity that does not simply take them as a disease, but can understand the suffering involved. Challenging, though a necessary proposal to advance towards an integral understanding of the contemporary subject which does not neglect the human dimension of his/her pathos. In this sense, we turn to Fundamental Psychopathology, a field of inter-scientific research initiated by Pierre Fédida, in University of Paris 7, which invests in the interlocution of multiple positions of knowledge for the understanding of the pathos experience as its original meaning, its etymological root and Greek tradition: passion and suffering. The Fundamental Psychopathology of psychoanalytic orientation meets the need to think about research proposals that are potent in the analysis and

João Paulo Zerbinati

**I Faculdade de Ciências e
Letras, UNESP/Araraquara**

Mestre em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Araraquara. Membro do grupo de pesquisa Sexualidade Vida – USP/CNPq.

Joaopaulozerbinati
@hotmail.com

Maria Alves de Toledo Bruns

**Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras,
USP/Ribeirão Preto**

Docente e Pesquisadora Credenciada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, USP/Ribeirão Preto e no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Araraquara. Líder do grupo de pesquisa Sexualidade Vida – USP/CNPq.

toledobrun@uol.com

understanding of sexuality beyond a pathological, naturalizing and reductionist understanding.

Keywords

Sexuality, sexual diversity, fundamental psychopathology.

Psicopatologia Fundamental: delimitando uma posição na polis

O aparecimento da psicopatologia enquanto campo do saber se dá com a publicação da obra “Psicopatologia Geral”, de Karl Jaspers (1979), marcando o rompimento com a psiquiatria puramente descritiva e sintomática do século XVIII. Para Queiroz (2002, p. 18), Jaspers inaugurou um estudo do sofrimento psíquico fora do âmbito da medicina, baseando-se na fenomenologia de Husserl, trazendo a compreensão dos processos da individualidade e singularidade da experiência vivida, apreendendo as “essências fenomenológicas implicadas nas diversas formas de sofrimento psíquico”.

Jaspers (1883-1969) introduziu a possibilidade de se compreender a experiência psicopatológica enquanto experiência do vivido, considerando aspectos ambientais e históricos. A Psicopatologia em Jaspers é considerada uma epistemologia pluralista, que busca uma integração entre as explicações biológicas e psicológicas. Existe uma explicação neurobiológica e uma compreensão da experiência vivida (TEIXEIRA, 2014).

O projeto da psicopatologia geral de Jaspers, entretanto, obtém seu limite ao reprovar “a introdução causal de relações pseudocompreensivas – o inconsciente” (FÉDIDA, 1998, p. 109). Esse corte epistemológico, tendo o campo do inconsciente como objeto de investigação, foi então resgatado por Fédida e seus ressonantes, como Berlinck (1937-2016), para a criação de um novo campo do saber: a Psicopatologia Fundamental.

Essa nova proposta clínica e acadêmica pretende avançar os limites teóricos da Psicopatologia Geral Jasperiana, acrescentando as contribuições da psicanálise às da psiquiatria e da filosofia (BERLINCK, 2008, 2010). A Psicopatologia Fundamental, iniciada com os estudos do Prof. Pierre Fédida, na Universidade de Paris 7, na década de 1970, propõe a criação de um campo de natureza intercientífico, permitindo a integração dos diversos discursos sobre o psicopatológico, construindo e mediando aproximações entre eles, ao mesmo em que garante “que cada uma fale de seu lugar próprio” (QUEIROZ, 2002, p. 16).

Psicopatologia Fundamental é:

Um projeto de natureza intercientífico, em que a epistemologia comparativa dos modelos e de seu funcionamento teórico-crítico desempenharia o papel determinante de uma consciência de seu limite de operatividade e de sua aptidão a transformarem-se uns aos outros. Caso em que, o fundamental seria aqui um ideal de comunicação mais do que o objeto de uma esperança de “ciência unificada” (FÉDIDA, 1998, p. 115).

A Psicopatologia Fundamental não pretende ser uma nova disciplina, mas um campo composto por múltiplas posições. Posição é uma palavra originada no vocabulário militar romano que dizia respeito, inicialmente, ao lugar, à disposição do exército romano. Já para os gregos, posição fazia também referência à postura do corpo, que classificava sua posição na polis (BERLINK, 2008, p. 8).

A posição irrepreensível prolongou-se para a convivência dos filósofos que, quando passaram a se organizar territorialmente, nas academias, na ágora, aprendiam como se posicionar, como caminhar, lutar e, principalmente, argumentar. Além dessas posições, ao menos outras duas se diferenciavam: a do historiador, que não se resumia a frequentar a academia, mas registrá-la e a posição do teatro, provocando nos espectadores a catharsis. Mais tarde, com a mudança provocada no teatro a partir de Péricles, provocava experiência, ou seja, “o enriquecimento advindo dos

pensamentos suscitados no público pela representação” (BERLINK, 2008, p. 17).

A posição do teatro se opunha a qualquer outra e pretendia apresentar um discurso “mito-poético epopeico” que produzisse aprendizagem pela experiência. Este é, também, o lugar da Psicopatologia Fundamental, que tem como objeto de estudo o psicopatológico enquanto um discurso “mito-poético epopeico que à medida que produz experiência, é terapêutico” (BERLINK, 2008, p. 20).

Assim como destaca Fernandes (2003), na Psicopatologia Fundamental há um retorno à raiz etimológica e tradição grega da palavra “Psicopatologia”, que vê na paixão (pathos) a possibilidade de se transformar em sabedoria (pathei mathos). Paradigma diferente da psicopatologia levada pela tradição médica, que seria o de igualar pathos a nossos (doença), focalizando outra dimensão de uma paixão e sofrimento material.

Portanto, Psicopatologia Fundamental é “um discurso (logos) sobre o pathos psíquico, que leva em consideração a subjetividade” (BERLINK, 2010, p. 551). É um saber resultante de uma representação do pathos, produzindo conhecimento humano, transformando o que é singular em oportunidade para o saber coletivo. O discurso sobre o pathos é o que constitui a Psicopatologia Fundamental (BERLINK, 2009).

Psicopatologia Fundamental, psicanálise, gênero e sexualidade

A Psicopatologia Fundamental está interessada em suscitar experiência a partir da vivência do sujeito que vive; é uma posição clínica que encontra sua origem no teatro grego. Desse modo, coloca-se diante de alguém com um discurso único sobre sua tragicomédia, seu sofrimento, suas paixões. A Psicopatologia Fundamental recai na subjetividade como sua essência e dedica-se apenas aos fundamentos que representam o humano (BERLINK, 2010). É clínica, pois respeita a experiência única e lhe oferece a possibilidade de transformar essa narrativa em terapêutica ao se inclinar diante da pessoa que obtém a experiência, ou seja, porta-voz única de seu pathos, das suas paixões, levando em consideração a dimensão subjetiva e singular que está contida nessa experiência (BERLINK, 1997).

Entretanto, pathos por si só não pode ensinar nada, pelo contrário:

Pode levar a morte se não for ouvido por aquele que está fora, por aquele, que na condição de espectador do teatro grego do tempo de Péricles, se inclina sobre o paciente e escuta essa voz única se dispondo a ter, assim, junto com o paciente, uma experiência que pertence aos dois (BERLINK, 2008, p. 21).

O ser humano expectador do pathos, seja filósofo, psiquiatra, fenomenólogo, psicólogo ou psicanalista, tem uma relação muito forte com o enquadre sexual imposto como norma. Há uma “mescla de concupiscência e hipocrisia que governa a conduta da maioria dos ‘homens civilizados’ em matéria de sexualidade” (FREUD, 2013 [1909-1910], p. 265). O que diferirá até onde cada um conseguirá ir é até onde vão seus próprios complexos e suas próprias resistências internas, sendo o avanço compreensivo dependente do avanço do progresso interno dos próprios analistas, como bem destacou Freud (2010 [1930-1936], 2013 [1909-1910]).

“É o olho do analista que observa e então cria os rótulos que definem o que é e o que não é perverso na sexualidade humana e na vida cotidiana” (MCDUGALL, 1997, p. 235). Nesse sentido, é preciso indagar até que ponto a teoria e a prática psicopatológica, no que tange à análise das experiências afetivas e sexuais, são afetadas pelo currículo oculto do analista, seus valores, sua história de repressão e moralidade.

Esse ponto não deve, entretanto, paralisar o estudo da subjetividade. Pelo contrário, deve ser um sinal de alerta e instigar, assim como assinala McDougall (1997), novos caminhos de compreensão intercienífica, acompanhando o desenvolvimento das demais ciências. A análise psicanalítica deve se fazer presente enquanto núcleo do saber da experiência humana, sendo um ponto a favor do homem trágico contemporâneo, um sujeito subjetivo, complexo, não simplesmente comportamental ou reduzido ao cérebro-máquina, como colocam Roudinesco (2000) e McDougall (1987).

É nesse sentido que:

A psicanálise nasce e se desenvolve como uma Psicopatologia Fundamental, mas com a morte de Freud e a subsequente babelização da psicanálise, a casa da psicanálise fica tão vasta e comporta tantas posições que se torna necessário especificar cada vez mais precisamente a posição que se ocupa nesta enorme mansão (BERLINK, 2008, p. 24).

Compreendemos, tal como Delouya (2002, p. 92), que a “Psicopatologia Fundamental enquanto campo de pesquisa resgata, assim, o viés mais autêntico da metapsicologia freudiana”. Freud não se ateve aos sintomas e revolucionou a medicina ao parar e ouvir a expressão do significado sintomatológico pela palavra, possibilitando a obliteração de uma vivência marcada por uma moral sexual civilizatória em que o instinto sexual era suprimido (FREUD, 1976 [1906-1908]).

É possível compreender que o que interessa para a psicanálise, desde a sua origem, não é o aspecto quantificável, ou a psicopatologia sintomática, mas sim, a exemplo de como compreende McDougall (1983, 1997), os caminhos subjetivamente trilhados para resolução dos conflitos internos. A partir de um mesmo caminho de compreensão, a Psicopatologia Fundamental nos permite pensar que:

A particularidade do trajeto identificatório de cada indivíduo é uma solução ou, se preferirmos, um sintoma, no sentido psicanalítico do termo: uma formação de compromisso frente às múltiplas variáveis com as quais o sujeito tem que lidar desde o seu nascimento. A palavra “solução” deve ser entendida no sentido matemático do termo: uma equação que comporta diferentes variantes frente às quais, tal como em um sistema vetorial de forças, uma resultante, uma solução, será encontrada (CECCARELLI, 2003, p. 21).

É evidente a forte relação entre a Psicopatologia Fundamental e a psicanálise. “A psicanálise nasce e se desenvolve com uma Psicopatologia Fundamental” e mesmo a Psicopatologia Fundamental não sendo apenas psicanalítica é nesta posição um lugar para ela (BERLINCK, 2008, p. 24). Assim, a partir das regras fundamentais da psicanálise, a pesquisa em Psicopatologia Fundamental pode tomar forma enquanto investigação clínica. Como destaca Silva (1993, p. 20), é a partir da associação livre e atenção flutuante que o pesquisador ou clínico se aproxima do seu objeto de modo a privilegiar uma posição em que se abstém de crítica, captando o material e organizando-o para se chegar, através da relação entre o jogo de fantasias de ambos interlocutores, a possíveis novas respostas e conhecimentos.

Nesse campo do saber há um destaque para a questão subjetiva, talvez sua maior contribuição para a pesquisa qualitativa, que propõe a compreensão da subjetividade não somente do que é analisado, mas também do que analisa, aproximando o objeto de investigação para, enfim, compreendê-lo. A investigação aqui vai ao encontro das compreensões de Foucault (2002) quando critica o conhecimento científico por conservar o objeto

estudado à distância, protegendo-se dele ao desvalorizá-lo, colocando-o como doença, afastando-o.

Não há, portanto, no conhecimento uma adequação ao objeto, uma relação de assimilação, mas, ao contrário, uma relação de distância e dominação; não há no conhecimento algo como felicidade e amor, mas ódio e hostilidade; não há unificação, mas sistemas precários de poder (FOUCAULT, 2002, p. 22).

Foucault (1988) também alegava que o sucesso e aceitação da teoria psicanalítica estavam ligados à possibilidade de estar dentro do dispositivo de controle da sexualidade e não fora ou contra ele. Abrir caminho para discutir os princípios que regem as construções do conhecimento, sua parte inevitavelmente subjetiva e de resistência, é uma oportunidade para discutir, na temática da sexualidade e psicopatologia, as construções e as discursividades culturais científicas, que, muitas vezes, modelam o conhecimento construído a partir da tese ilusória de uma fórmula gramatical para o gênero e sexo. Ilusão, pois, em nenhum sentido se pode revelar uma ordem verdadeira das coisas como destaca Butler (2003).

A partir da crítica foucaultiana, um dos principais desafios da psicanálise contemporânea é o rompimento com paradigmas naturalizantes e universais, para avançar na compreensão de algo como uma análise potente que liberte o sujeito ao lhe desvelar os imperativos do poder de sua própria cultura, bem como suas respostas singulares frente a tais mecanismos. A psicanálise deve se inserir como uma prática e um discurso inscrito na prática da subjetivação, uma forma de cuidado que ajude o sujeito a lidar com o “mal-estar produzido pelos imperativos da normalização e da biopolítica” (BIRMAN, 2014, p. 39).

Segundo Arán (2009, p. 670), “para a psicanálise, importa pensar como cada indivíduo, na sua singularidade, vive a diferença para além das definições prescritivas da heteronormatividade”. Propor um debate crítico, teórico e clínico através da psicanálise e da Psicopatologia Fundamental pode fornecer ferramentas potentes para levantar questões acerca dos processos de subjetivação e sexuação sem normalizar ou patologizar, mas oferecendo uma possibilidade terapêutica que extraia da própria vivência e sofrimento a matéria prima para libertar o sujeito dos imperativos de normalização e naturalização ao sexo e gênero.

A partir de Foucault, Butler demonstra que “se o gênero ou o sexo são fixos ou livres, é função de um discurso que, como se irá sugerir, busca estabelecer certos limites à análise ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise do gênero” (BUTLER, 2003, p. 27). Ao retomar Foucault (2002, p. 25) e sua compreensão de que é “o conhecimento que esquematiza, ignora as diferenças, assimila as coisas entre si, e isto sem nenhum fundamento em verdade”, Butler (2003) demonstra as forças reguladoras do sexo e gênero para uma coerência entre sexo/gênero/desejo e, como isso, produz efeitos sociais de hierarquização, classificação, dominação e exclusão.

Butler (2003, p. 37) compreende que tais mecanismos estabelecem um pré-discurso heterossexual, ou seja, provocam uma heterossexualidade compulsória que se opõe a uma superfície neutra de sexo e gênero, levando o gênero a uma condição “cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada”. Gênero é compreendido como:

[...] uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de

uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um telos normativo e definidor (BUTLER, 2003, p. 37).

O olhar crítico e atento às novas demandas afetivas e sexuais é discussão que intima a investigação subjetiva nas quais a psicanálise se destaca com questionamentos como de Arán (2006), indagando em que medida a psicanálise está realmente interessada no cuidado do sujeito do inconsciente, de sua subjetividade e sofrimento psíquico, ou reforça o modelo tradicional, psicopatológico, acerca das diferenças sexuais ou neossexualidades, como compreende McDougall (1997).

É necessário discutir e possibilitar a compreensão de novos paradigmas críticos a compreensões a partir de uma lógica binária, heteronormativa e cisheteronormativa¹. É preciso parar de silenciar e negligenciar a dimensão humana do pathos dos sujeitos que não se enquadram nos padrões sexuais, como aponta Brancaleoni (2016).

Esse é um avanço necessário e importante para a pesquisa e a clínica que se relaciona às demandas do sujeito contemporâneo, afetivo e sexualmente diverso. Assim como propõem Ribeiro e Belo (2016), é indispensável compreender os princípios genealógicos que regem a construção teórica no campo da sexualidade para, então, possibilitar uma compreensão da subjetividade afetiva e sexual que não corrobore com práticas de exclusão e patologização.

Psicopatologia Fundamental e diversidade sexual

O sujeito para a Psicopatologia Fundamental de base psicanalítica, como pontua Berlinck (2008), é um sujeito do inconsciente e um trabalho da cultura, ou seja, é movido por uma falta constitutiva e se desenvolve em coexistência com seu ambiente e sua história. Neste contexto, a Psicopatologia Fundamental pode ajudar a ampliar a visão para além do sintoma, pois o papel do psicopatólogo, segundo Oliveira e Berlinck (2015, p. 170) é:

Se relacionar com o sujeito que se apresenta ali com toda a sua diversidade, sendo tais manifestações como expressões de sua subjetividade, que é ampla, impossível de se limitar a categorias impostas. A ideia é de não se ater a teoria e encaixar o sujeito em seus moldes, podendo considerar seu inverso, de utilizar a teoria para ampliar a visão sobre o que se manifesta ali. A teoria vem como apoio para a expansão, e não como conclusão limitadora. No momento em que se insere um saber pré-moldado sobre o sujeito, as possibilidades de adentrá-lo se fecham. O saber imposto exclui o ser, pois ele passa a ser categoria criada pelo imaginário, o que barra as percepções diante de seu devir.

O discurso acerca do pathos é o que constitui os saberes em Psicopatologia, tomado enquanto aprendizagem a partir do momento em que é ouvido por alguém de fora, seja hermeneuta, intérprete, ou ambos, que na condição de espectador escuta essa experiência única potente a ser transformada em experiência e aprendizagem. Esse discurso se inclina diante da pessoa, porta voz única de seu mundo vida, sua original vivência e sofrimento, suas paixões, seu pathos. Levando em consideração a dimensão subjetiva e singular que está contida nessa experiência enquanto um discurso que à medida que produz experiência é terapêutico (BERLINCK, 2008).

A contribuição da Psicopatologia Fundamental enquanto disciplina intercientífica instiga a psicanálise a retornar a suas origens, avançando na análise compreensiva do sujeito e “sua impossibilidade de substancialização” (BIRMAN, 2014, p. 93). Essa psicanálise possibilita e potencializa a

1

Normas relacionadas à determinação e naturalização da existência de uma coerência entre o sexo de nascimento, a identidade de gênero e o desejo afetivossexual. Ao trazer o termo cisheteronormativo, a proposta é, assim como discutido por Jardim (2016), ampliar o termo heteronormatividade de modo a englobar também a cisnormatividade.

revisão crítica e cuidadosa de seus próprios modelos universalistas e sua própria posição discursiva quando excludente e cisheteronormativa, foco criticado por teóricos como Foucault (2002) e Butler (2002), assim como demais autores da filosofia e fenomenologia, remetendo à origem das investigações de uma “Psicopatologia Geral” (Jaspers, 1979).

A originalidade da Psicopatologia Fundamental no campo da sexualidade está na oportunidade de compreender o sujeito contemporâneo e sua pluralidade afetiva, sexual e de gênero, propondo o rompimento com reducionismos, sejam biológicos, sociais ou psicológicos, a partir de uma base intercientífica. A Psicopatologia Fundamental é uma disciplina que agrega em sua epistemologia a pluralidade. Segundo Berlink (1998), é na pluralidade que surge a Psicopatologia Fundamental, propiciando, como aponta Ceccarelli (2003, p. 19), a ampliação dos limites de cada saber, levando “à construção de um espaço teórico-clínico, com fundamentos próprios, que permitiria a coexistência, o diálogo e o intercâmbio, dos diferentes modelos conceituais que lidam com o pathos”.

Considerações finais: horizontes

O real acolhimento, cuidado emocional e subjetivo dos sujeitos fora ou dentro da norma sexual binária somente será possível a partir do avanço e reestruturação tanto teórico quanto prático e metodológico de disciplinas científicas críticas aos discursos naturalizantes de uma sexualidade binária, de ideal cisheteronormativo. No horizonte do sofrimento psíquico e sua relação entre o interno e o ambiente, o clínico e o político, desvelar os mecanismos de controle sexual é ainda fundamental.

Na esfera da sexualidade, das diferentes configurações afetivas, sexuais e de gênero, dos diferentes modos de subjetivação e sexuação, uma posição psicopatológica fundamental psicanalítica é importante no sentido de possibilitar a compreensão do sofrimento provocado pela normalização sexual, seus elementos por vezes violentos à pluralidade humana, materializados por comportamentos sexistas, machistas, homonegativos, transnegativos, atingindo não apenas os sujeitos LGBTQs, mas também os heterossexuais, principalmente as mulheres, em âmbito intrafamiliar e extrafamiliar.

Este trabalho se debruçou na apresentação da Psicopatologia Fundamental de orientação psicanalítica enquanto campo do conhecimento subjetivo compatível com a investigação e compreensão da diversidade de sexo e gênero sem lhe reduzir precipitadamente a um diagnóstico que pouco compreenda sua subjetividade e potencialidade de vida e criação. Este é um desafio contemporâneo que precisa ser mais bem discutido pelos saberes que têm o mundo vivido como campo de investigação.

Não pretendemos esgotar as possibilidades teóricas, apenas incitar a compreensão da diversidade sexual como aspecto de vida e criação. Acreditamos que a partir do avanço paradigmático sexual despatologizante será possível criar e manter práticas emancipatórias de cuidado em nível de saúde e educação que de modo algum reforcem elementos para exclusão ou negação da subjetividade humana, indiscutivelmente pluralista.

Sobre o artigo

Recebido: 21/10/2018

Aceito: 23/11/2018

Referências bibliográficas

- ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora**, v.9, n.1, p. 49-63, 2006
- ARÁN, M. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. **Revista Estudos Feministas**, v.17, n.3, p. 653-673, 2009.
- BRANCALEONI, A.P.L. **Do excrementício ao sujeito: humanização da clínica pelo olhar do abjeto**. In: Anais VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 2016.
- BERLINCK, M.T. O que é Psicopatologia Fundamental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v,17, n.2, p. 13-20, 1997.
- BERLINCK, M.T. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, 2008.
- BERLINCK, M.T. O método clínico: fundamento da psicopatologia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v.12, n.3, p. 441-444, 2009.
- BERLINK, M.T. A noção de subjetividade na Psicopatologia Fundamental. **Revista de Psicopatologia Fundamental**, v.13, n.4, p. 551-557, 2010.
- BIRMAN, J. Os paradigmas em psicanálise, In: BIRMAN, J. ; KUPERMANN, D.; CUNHA, E.L; FULGENCIO, L. (orgs.). **A Fabricação do Humano: Psicanálise, Subjetividade e Cultura**. São Paulo: Zagodoni, 2014, p.17-42.
- BUTLER, J.P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CECCARELLI, P.R. A contribuição da Psicopatologia Fundamental para a Saúde Mental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v.6, n.1, 12-25, 2003.
- DELOUYA, D. Pesquisa em Psicopatologia Fundamental: método e metapsicologia. In QUEIROZ, E.F; SILVA, A.R.R; (orgs.). **Pesquisa em Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, 2002, p. 79-92.
- FÉDIDA, P. De uma psicopatologia geral a uma Psicopatologia Fundamental. Nota sobre a noção de paradigma. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v.1, n.3, p. 107-121, 1998.
- FERNANDES, M. **Ensinando Psicopatologia: a escrita como espaço de autoria e apropriação criativa do objeto psicopatológico**. 2003. Tese. (Doutora em Psicologia). Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP: 2003.
- FREUD, S. **Edição standard brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Grávida de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)**. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. **Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. **Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2002.
- JARDIM, J.G. **Deveriam os estudos queer falar em cis-heteronormatividade? Reflexões a partir de uma pesquisa sobre performatividade de gênero nas artes marciais mistas femininas**. In #4

Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e #2 Encontro Internacional de Estudos de Gênero. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

JASPERS, K. **Psicopatologia Geral: psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia**. São Paulo: Livraria Atheneu, 1979.

MCDUGALL, J. **Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

MCDUGALL, J. **Teatros de la mente: ilusión y verdad en el escenario psicoanalítico**. Madrid: Tercniopublicaciones, 1987.

MCDUGALL, J. **As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, P.; BERLINCK, M.T. Os cinco sentidos na Psicopatologia Fundamental. **Psicologia Revista**, v.24, n.2, p. 167-179, 2015.

QUEIROZ, E.F. A pesquisa em Psicopatologia Fundamental: um discurso transdisciplinar. In: QUEIROZ, E.F.; SILVA, A. R. R. (org.). **Pesquisa em Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, p. 15-25, 2002.

RIBEIRO, P.C.; BELO, F.R.R. Narcisismo, Gênero e Sexualidade: aproximações entre Lichtenstein, Ferenczi, Laplanche e Butler. In: BIRMAN, J.; FULGENCIO, L.; KUPERMANN, D; CUNHA, E.L. **Amar a Si Mesmo e Amar o Outro: Narcisismo e Sexualidade na Psicanálise Contemporânea**. São Paulo: Zagodoni, 2016.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

TEIXEIRA, J.A.C. (2014). K. Jaspers e a miséria da psiquiatria do século XXI. In: TEIXEIRA, J.A.C. **100 anos da 'Psicopatologia Geral' de Karl Jaspers**. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, p. 65-81, 2014.

SILVA, M.E.L. Pensar em Psicanálise. In: SILVA, M.E.L. **Investigação e Psicanálise**. Campinas: Papyrus, p.11-25, 1993.